RM-ONT-EDIT.mp4

[00:00:00] ENTREVISTADOR Se os médicos, de uma forma geral, e especialmente os médicos em formação, estariam preparados para discutir questões dessa natureza, quais que seriam as dificuldades encontradas para esse tipo de reflexão?

[00:00:18] PARTICIPANTE 12 Sobre cada uma delas, assim?

[00:00:20] ENTREVISTADOR No geral, não precisa se... se quiser falar sobre alguma em especial também, pode ficar à vontade, mas esse tipo de reflexão, no geral, essa reflexão ontológica do ser das coisas.

[00:00:38] PARTICIPANTE 12 Tem uma frase que a gente escuta todo dia, eu vou falar assim que vem na minha cabeça, você não precisa acreditar no que eu estou falando. Primeira coisa, sobre a doença, tem uma coisa que nós escutamos muito... vou ligar aqui, senão vai acabar a bateria do teclado. Uma coisa que a gente escuta muito todo dia, quando morre alguém conhecida, o cara morreu na luta contra o câncer, na luta contra a doença. Por outro lado, na década de 70, o pessoal... Canguilhem falava muito isso, o normal e o patológico... que a doença era um excesso de alguma coisa, um excesso de sintomas, de coisas habituais que nós chamamos de saúde. Esse excesso podia ser chamado de doença também. A doença é um fenômeno natural. Fico pensando assim, ao você ser surpreendido por uma doença, um câncer, estou com essa doença, se você vê infartados em CTI. Eu trabalhei muito com AIDS. "Por que comigo?". É porque ela acontece com você, com quem existe, com quem é. Só é possível acontecer isso com quem é, é um fenômeno natural, no qual a medicina nada mais faz do que atrasar isso, trazer um período de vida que seja o mais prazeroso possível, o mais útil, no qual você consiga pegar as coisas, consiga fazer as coisas, pensar e tal. Mas a doença já está ali em curso, a doença já está acontecendo ali. Então, a doença, eu não entendo ela como uma coisa que não é. Sabe? Ela é. A filosofia fala muito que o que não é, é o mal. Você é. Então, você existe, como o Descartes, que é fantástico. Você sabe a história por que o Descartes fez aquelas introduções, aquelas lições de metafísica? Tem um outro título?

9:26 Eu trabalhei muito co...

EXEMPLOS D...EMA: C

[00:03:36] ENTREVISTADOR Meditações metafísicas. Meditações metafísicas.

[00:03:40] PARTICIPANTE 12 Meditações metafísicas. Ele é

fantástico, não é? Ele está diante de uma lareira e fala assim "estou acordado ou estou dormindo? Estou em vigília ou estou em sonho? Mas em sonho eu já senti aquele calor. Em sonho eu já senti o farfalhar das folhas, o roupão na minha roupa. Então, o que me garante que estou acordado, que estou em vigília?". É que ele pensa. É que ele... Isso tem uma implicação na clínica, fantástica, porque quando você está com mal, ou com alguma coisa, você está assim. Então, você é. Quando você deixa de ser, de ser doença, não. Você é no estado doente. Mas você continua a ser. Porque, senão, é sempre um sinal de uma derrota, de um final. Eu já tive paciente que ficou bravo comigo, porque eu fiz o diagnóstico de hipertensão dele, hipertensão arterial. Ele falou "o que é isso?". Me tratou mal. Eu falei "o que é isso?". Não acontece comigo, não. O cara é doido. Acontece isso. Mas o que eu estou dizendo a ele? Chegou na cabeça dele que ele não é o que ele imagina que seja: o cara saudável, rígido, viril. Eu imagino isso, isso veio na minha cabeça. Então, a doença, hoje, por outro lado, isso Michel Foucault falou em 2000... em 1974, lá no Rio de Janeiro, ele falou uma coisa que é muito mal lida. Não é lida pelos médicos, e, quando é lida, é muito mal compreendida. E hoje eu acho isso uma coisa tão... no que se transformou a doença? Ele usou a expressão que nunca mais ele trabalhou isso. Ele usou, mas não era dele, sobre biopoder. Não sei se já teve acesso necessário. Ele falava assim, é muito interessante… eu tenho um bloqueio com esse nome, eu tenho que analisar o que é. O soberano, eu nunca consigo lembrar de primeiro esse nome. O soberano, na época da Idade Média, ele tinha o poder de deixar a pessoa viver, para tratá-lo, para lutar por ele, protegê-lo, fazer comida para ele, para saciá-lo. E tinha o direito de matar aquele sujeito, caso ele não fizesse isso, que ele não fosse útil na guerra. Uma pessoa com deficiência, que não fosse útil para ele, se não soubesse cozinhar, se não tivesse um corpo belo para amá-lo, ele não podia matá-la. O Foucault fala que o homem contemporâneo, ele determina o fim do *Homo sapiens*. Agora, ele é um "*Homo economicus"*, ele pensa de forma econômica. Não é que ele é avarento, mas ele pensa de forma econômica. A doença, ela tem se estabelecido dessa forma econômica também. Não adianta eu só deixar o cara morrer. Eu tenho que tirar daquele corpo tudo que eu posso tirar em economia. Isso eu vejo todo dia. Quando eu coordenava CTI. Onde há vida, há esperança. Aí você tira o quê? Ele está morrendo, ele só quer morrer, ele só precisa morrer. Não esstou dizendo o que ele quer, ele só precisa morrer. Mas há necessidade de dar sangue, de dar antibiótico, de dar suporte ventilatório, de fazer diálise no corpo que chegou ao fim. Então, a doença deixa, nesse aspecto econômico, até ela deixa de ser no sujeito. E esse sujeito delega essa doença como a única forma de ficar livre dela ser a forma também econômica. Tem um negócio do Schopenhauer que eu acho muito legal. Eu estou falando disso aqui de coisas que eu penso, eu

9:27 Isso tem uma implicação na clínic...

EXEMPLOS D...EMA: C

9:28 O soberano, eu nunca consigo lembrar de primeiro esse nome. O soberano,...

EXEMPLOS DE DILEM

não entendo disso não. Eu estou falando de coisas que me chegam, que eu gosto, mas não é a minha praia. O Schopenhauer fala que tem
2 três coisas que podem trazer muita infelicidade, influenciar o homem. É o que ele é, o que ele tem, o que ele não tem e o que ele representa. O que ele representa é o olhar do outro. Eu falo com você Vinícius, e ele diz "que bobagem". O que vai me incomodar é o fato daquela representação que eu estou falando para você aqui, ao você me dizer, "que bobagem que esse cara está falando", isso me coloca em uma encruzilhada. Aquilo que eu represento parece não ser verdadeiro. Então, tem duas coisas que podem trazer muita infelicidade ao homem. O que ele tem e o que ele não tem. O que ele representa, que talvez não seja verdadeiro, mas ele só representa e só tem se ele é. Que é essa coisa fundamental do sujeito existir. Hoje, no mundo contemporâneo, talvez em outras épocas também, não sei se isso é coisa tanto própria assim, não, você ser o que você é mesmo é quase uma ofensa à outra. Por exemplo, a liberdade, a própria liberdade, é difícil você falar essas coisas que podem ser interpretadas do ponto de vista político, mas eu vi uma coisa muito legal, um documentário ficcional no Netflix, chama Cabaré Eldorado, saiu esses dias. É um cabaré em Berlim, nos anos 20, 30, onde se tinha total liberdade sexual, total liberdade. E ali tem o termo *queer*. Eu pensava que esse termo era ultracontemporâneo, era de ontem, entendeu? É um termo que eles usavam lá, *queer*. Então, tinha vários casais, trisal, que o pessoal falava como uma novidade... trisal, quadrisal, quintrisal... sei lá como é que fala, entendeu? Eles tinham isso lá dentro do cabaré, inclusive com alguns nazistas, que frequentavam essa coisa e depois foram expulsos. Ia dar problema. Cara, eu vi esse negócio e fiquei pensando no mundo de hoje, que ao ter a liberdade de ser o que é, o que as pessoas querem ser, e ao alcançarem isso, como os movimentos… esses grupos não gostam de ser chamados assim, de identitários, de lutas identitárias, isso é uma armadilha terrível, que te dá a ilusão de você estar tendo liberdade, mas nós não sabemos o que está por vir. Logo depois veio o nazismo e acabou com essa turma, matou. Eu escutei, hoje, um pastor aqui, de uma igreja que tem ali, não me parece que... é uma igreja da XXXX… é católica, não é?

[00:12:12] ENTREVISTADOR XXXXX, acho que eu sei...

[00:12:15] PARTICIPANTE 12 Um tal de XXXX?

[00:12:17] ENTREVISTADOR Sim, XXXXX.

[00:12:18] PARTICIPANTE 12 Se ele matava todos os homossexuais. Será que ele se suicidaria? Para você ver, numa época depois da liberdade sexual, dos anos 60, 70, eu vi isso. As mulheres,

se tem relação sexual antes do casamento, era um pecado mortal. Isso nos anos 60, eu estava vivo, era menino. E você vê agora, tem
2 boi na linha, entendeu? Essas coisas não vêm de graça, vêm depois de muita luta. E você ser o que você é mesmo, que você está perguntando, é um preço muito caro. Infelizmente, as pessoas estão festejando muito cedo. E nós estamos vendo o prazer de ser o que é, mas não ser verdadeiramente o que é. Olha o que está acontecendo com o mundo todo, do ponto de vista mais à direita, mais conservador. Então, a doença, eu não trabalho só com doença, entendeu? Mas não vejo também a forma bondosa que é feita às vezes, da medicina social, por exemplo, de ver a doença sempre como uma questão social. Também não. Nós não estamos no fim da história. Por exemplo, eu atendo várias pessoas que se dedicam à vida, à medicina social, mas quando sentam nessa cadeira aqui, elas querem o exame mais moderno. A ressonância magnética que não foi criada ainda. Na hora que ficam doentes, na hora que deixam, têm medo de ser o que é. Eles recorrem não àquilo que eles acreditam, mas o que é, podemos dizer assim, ontológico no mundo contemporâneo, que é a técnica, a ciência. Não é à toa, por exemplo, essa discussão, por exemplo, de que o Bolsonaro não propagandeava ciência. E não mesmo. Mas para o inculto nesse aspecto, o comprimido... não tem nenhum comprimido aqui... o comprimido é ciência. Não é? Aquilo, a cloroquina ou qualquer outra dessas coisas, não adianta. Para o leigo, não digo inculto, está errado, para o leigo da medicina, o comprimido é uma representação da técnica, da ciência. Então, é difícil explicar para ele que aquilo não tem metodologia. Qual é o tamanho do P, não é? Então, assim, nós mesmos fizemos a mesma coisa. Eu considero que é difícil mesmo, não é? Numa pandemia tomar decisões e tal. Mas, aqui, numa conversa nossa, essa discussão se... tem um colega meu assim "ciência é acima de tudo". Pra se contrapor ao ex-presidente, falava "Deus é acima de tudo". Não, não é ciência acima de tudo também, não. Você é. Ciência é uma parte daquilo. E o que pode mais nos trazer infelicidade, o Freud falava isso, parecido um pouquinho com Schopenhauer, **o que nos traz infelicidade pode ser o inexorável declínio do corpo, a natureza que você não controla e os outros.** Como ele era judeu, essa piada de judeu é muito engraçada. Não sei se ele falou gozando, se foi uma piada ou se foi verdade, mas os outros podem nos trazer muito mal. Não só numa guerra, mas numa conversa. E a saúde, eu não sei se é o contrário de doença, sabe? É a procura dum bem-estar, entendeu? Por exemplo, eu nado todo dia, eu faço questão de ir. Isso vem lá dos Sócratres. Só que, em vez de ser no rio, é aqui no Minas. Mas eu nado pela minha saúde mental, entendeu? No meu corpo também, eu penso ali. Ali eu sou, porque eu estou sozinho. Entendeu? Ali é água, e eu, entendeu? Então, acordar às cinco horas da manhã e ir lá nadar. O pessoal, "ah, vamos competir, porque você vai se superar". Pô, eu já estou me superando

9:29 Então, a doença, eu não trabalho...

EXEMPLOS DE DILEM

9:1 tem um...

Tecnocentrismo acríti

tanto de acordar aqui, entrar dentro dessa água e ficar pensando. Não tem uma volta que você não pensa? Você perde a conta de onde você está, né? Isso. O que é saúde? É uma busca de um bem-estar que pode até ter dentro dela uma doença. Entendeu? E a medicina é a arte… é a única que escreve arte, no seu discurso, de equilibrar o que é saúde, o que é doença, trabalhar essas duas coisas, mental, física. Semana passada eu atendi um paciente tão inteligente, um advogado, que vai voltar amanhã. Vai estar mudando para Portugal, muito rico. Mas me surpreendeu um homem rico desse jeito, 37 anos, um cara inteligente. Bati um papo nele, quase que brinquei com ele "não, eu que te pago a consulta, porque foi tão bom. Eu vou te pagar a consulta", entendeu? Inteligente o cara. Coisa rara, coisa rara do nosso tempo, não é? E o médico, hoje, se tornou um sujeito instrumentalizado, ao meu ver, entendeu? Instrumento desse biopoder, de tirar do corpo o máximo possível. Eu tive outro dia, não sei se eu posso falar o nome, aliás, eu falo com muito boa vontade... eu falo assim... no XXXX, eu estive lá. É um exemplo desse biopoder. Uma paciente minha com 16 anos com câncer de parótida. Câncer de parótida, vai fazendo cirurgias, vai desfigurando, leva o facial, anos depois expõe a mandíbula, anos depois quebra o osso da mandíbula, e a pessoa vai perdendo a dignidade, entendeu? E fica dentro... num quarto lá que toda hora alguém entra, desde a faxineira ao enfermeiro. O médico não conto não, que eu vi raramente. Todo mundo que entra, pega o dedo dela e põe uma biometria para poder provar o que teve lá dentro, que tirou a lata do lixo, que deu o remédio. Igualzinho drogaria XXXX, não é? Você comprou essa lá... "vence tal coisa", não é? Um dia eu brinquei, fui comprar um remédio para o meu irmão, felizmente eu não tomo remédio, por enquanto. Comprei um remédio para o meu irmão. Cara, estava demorando muito mais aqui eu comprar o remédio do que fazer uma consulta na XXXXX. Aquela fila. Mas todos para se proteger. Então, eu acho o médico hoje um sujeito instrumentalizado, mas mesmo com essa fragilidade, no mundo econômico, ele consegue ajudar. Talvez ele não consiga interferir. Porque a XXXXX, por exemplo, ela ensina muito a acolher, não é? Vamos acolher, vamos abraçar, vamos amar uns aos outros e tal. Mas ela se recusa a interferir. A política da XXXXX hoje... eu não frequento outras escolas, não sei... te ensina como ser bondoso, mas ser bondoso é um ato para você mesmo, não é para o outro. Porque tem hora que você tem que ser… não é? Aliás, eu posso te mandar um *link* de um filme?

[00:21:08] ENTREVISTADOR Por favor, pode.

[00:21:10] PARTICIPANTE 12 Chama-se, talvez você já tenha visto, *Una Pura Formalità*. É um filme do Enio Morricone, a música do Enio Morricone, com Gerard Depardieu, o Roman Polanski, ator, e Giuseppe Tornatore, que é o diretor. E é um filme policial. O Gerard

9:30 E... O profissional...e sens

9:31 Eu tive outro dia, não sei se eu posso falar o nome, aliás,... EXEMPLOS DE DIL

Depardieu é achado no meio de uma mata... eu vou passar o *link* que eu tenho naquele *Google Drive*, que é uma boa coisa, a tecnologia...
2 para mim, é uma aula de clínica médica. É um filme policial. Mas, na verdade, não é policial, não. O formato policial é para chegar no final dele lá. Para mim, é uma aula de clínica médica. Eu vou te passar, um dia a gente conversa. Estou seguindo a ordem aqui. O paciente é o mais frágil desse elo institucionalizado, né? O qual, às vezes, nem morrer pode. A não ser que você tire dele tudo. Em parte, isso é da filosofia, mas, em parte, foi bom. Foi muito bom. O SUS, por exemplo, se aquele corpo não valesse nada, dificilmente a gente teria feito a grande transformação na saúde do corpo. Se ele não valesse nada economicamente. Nós a fizemos com a intenção dele valer socialmente. Mas ele foi acolhido por valer economicamente. Se eu falar isso lá no décimo andar da faculdade, eles são capazes de me jogar lá de cima. E esse encontro do médico e do paciente... nos anos 70, o Ivan Illich, que esteve lá na faculdade, em 1975, fiquei sabendo isso tardiamente. O Ivan Illich, ele escreve o livro, aquele livro, Nêmesis da Medicina, que a primeira frase fala assim, que a indústria médica faz mal à saúde. É um livro famosíssimo. Depois, tem um outro livro, de um psicanalista também, que você vai lendo e ele vai te batendo. É Jean Ravel. Morreu tem pouco tempo. Morreu bem velho. Que xinga o médico de tal forma, mas ele fala uma coisa interessante. Ele fala que a relação médico-paciente não existe. Porque o médico não tem aquele cara na frente dele enquanto sujeito. Isso é uma tese antiga, dos anos 70. Nos anos 70, tudo era possível mudar, as grandes revoluções, as lutas, a luta armada, a Revolução Cubana, o movimento *hippie*, tudo era possível. Hoje parece que nada é necessário. Mas é o momento que nós estamos vivendo. Ele falava que a relação médico-paciente não existia, porque não podia ter relação se um não entendia o outro enquanto sujeito. Eu concordo com ele. Mas eu acho que hoje também o paciente não reconhece o médico enquanto sujeito. Há uma instrumentalização aí perversa, que você não sabe em que momento você está... no início, a gente espera que esteja no final, mas você não sabe em que momento que está, se vai melhorar, se vai piorar. Mas a medicina ajuda muito. A medicina técnica ajuda muito a gente viver mais. Nas guerras, nas urgências. Hoje, por exemplo, eu trabalho com o ultrassom, *Butterfly iQ*. Você já sacou aquele *Butterfly iQ*? Maravilha! Então, não somos sujeitos contrários à técnica, mas é bom pensar sobre ela. Você coloca umas questões aqui... e os médicos em formação estão preparados para discutir as questões? Não! Eu nem sei como é possível, porque isso não faz parte da vida. E não adianta a escola... o XXXX, vai chegar lá para dar uma aula, falar sobre isso? Todo mundo começar assim... porque realmente é um troço estranho, eu não sei dizer o que é. Tenho lido muito sobre isso, mas não consigo também me... mas eu não sei. O que é que... a universidade acha que o problema é nosso. A

9:32 O paciente é o mais fr...
O paciente af...édico/s

9:33 O l...
Sistema de sa...doenç

9:3...
O profissional...e sens

9:4...
O paciente af...édico/s

9:2...
[EXCLUIDO] N...ão pre

sociedade acha. As faculdades... as pessoas, nesse aspecto, já vêm prontas. A faculdade... porque você não educa adulto, você educa ali na educação primária, fundamental... depois o cara está pronto. Eu acho que é uma arrogância nós acharmos que a universidade, ao mudar o currículo, vai mudar o sujeito. É só botar todo mundo a fazer um curso de seis anos, a humanidade muda. Seria ótimo. Mas lá na UFMG, vocês já devem ter ouvido isso muito. O cara vai entrar um idiota e sair um iluminado. Às vezes, ele sai mais idiota. Sim.

9:3... Dificuldade/im...ducar

[00:27:09] ENTREVISTADOR Isso é mais provável.

[00:27:13] PARTICIPANTE 12 Quais são essas dificuldades? Realmente eu não sei te dizer. Talvez a poesia ou a literatura. Aprender com os outros. A literatura que eu falo, é isso. Ou aprender com Stanley Kubrick... alô? Parece que eu saí aqui. Espera aí. Está me escutando?

[00:27:39] ENTREVISTADOR Estou escutando normal.

[00:27:41] PARTICIPANTE 12 É que eu botei o livro em cima do teclado. O Mário Benedetti, que eu estou conhecendo agora, um escritor uruguaio, eu li um livro dele. Esse, na semana passada, que para mim foi o momento que eu estou vivendo na vida, foi muito importante. Me ajudou muito. Ou atrapalhou muito. Não sei. Mas, assim, como preparar essas pessoas melhores? Eu não sei se a universidade tem essa capacidade. Talvez isso que você está fazendo, é... juntar pessoas, conversar. Stanley... mostrar para elas que estar à beira do abismo não é tão solitário. Para você, enquanto estiver, é bom. Tem um poema do Drummond, A Idade Madura, que fala isso. O Drummond era demais. Se a língua portuguesa fosse uma língua planetária, ele tinha ganho o Prêmio Nobel. Quando ele escreveu Claro Enigma, ele já devia ter ganho o Prêmio, ali. Ele fala coisas maravilhosas dessa idade madura, que certas coisas, talvez, não tenham… tem uma parte da idade madura, que ele fala assim "e havia fogo na mata, e vieram chamar. Mas nada pude fazer, nem tinha vontade. Toda água que possuía, irrigava jardins particulares de freiras surdas, funcionários demitidos, atletas retirados". Toda água, aquele maior incêndio lá do lado, e ele irrigando aquelas coisas que para ele eram importantes. Eu acho que é isso. Trazer essa importância para o aluno.

9:4 Não... Dificuldade/im...ducar

9:4... Criar espaço a...scuss

9:6 "e havia fogo na ma... Profissionais inspirad

[00:29:46] ENTREVISTADOR Isso tudo que o senhor está falando, eu estou achando super interessante, porque muitas pessoas têm automaticamente, a partir do momento que eu apresento a ideia do projeto, de tratar essa ideia de uma educação filosófica como uma coisa automaticamente boa e frutífera, de certa maneira. Mas você já

está me colocando uma coisa que eu achei muito legal, que é uma grande dificuldade, talvez até uma impossibilidade da execução real
2 dessa ideia. Aí eu queria entender um pouco... por falar que era impossível educar. Eu queria entender um pouco mais, ao longo da sua trajetória, onde que se mostrou essa dificuldade? Onde que se faz essa impossibilidade? Quase que, de certa forma, uma barreira intransponível. Até que ponto que se consegue penetrar e onde está esse limite da nossa capacidade de transformação pela educação? E de modificação do meio das pessoas. Como que isso se mostrou na sua prática?

[00:31:18] PARTICIPANTE 12 Como isso se construiu em mim ou como eu tentei passar isso para os outros?

[00:31:23] ENTREVISTADOR Como você percebeu isso? Como que, durante a sua prática você chega a essa conclusão dessa grande dificuldade, quase que impraticável

[00:31:34] PARTICIPANTE 12 Literatura. Literatura, viu? Você não é dessa geração. Por exemplo, as pessoas da minha geração, o grande livro que me... não foi o primeiro livro que eu li, mas foi o livro que mais me ingressou na literatura, foi um livro do Antônio Callado, chama-se Quarup. Quarup é uma festa indígena anual no Xingu, que ajuntam várias tribos e um pessoal indigenista, jornalista, uma turma doida, decidiu achar o centro geográfico do Brasil. Vários amigos, várias pessoas já me falaram, mas é uma da minha geração, é claro. Quarup. Essa literatura, eu falo isso emocionado, porque ela me colocou num mundo que, para mim, era um mundo completamente assim... como se eu estivesse… ao ler Dostoiévski… com Antônio Calato, eu sentia o que aquele cara estava falando comigo. Coisas talvez impossíveis num pequeno ciclo de pessoas, de amigos, eu conseguia isso, por mais que eles fossem... gostassem também de ler. Eu tenho particularidade, como todo mundo tem na vida. Eu, de certa forma, fui induzido por uma certa solidão, uma coisa... a fazer isso. Mas o fato foi essa curiosidade pelos outros, através da literatura, entendeu? A medicina foi uma consequência disso, não foi o principal, nem digo foi o principal, entendeu? Mas essa curiosidade, o que o Mário Benedetti quis dizer com A Trégua? O que o Platão quis dizer? O que o Paulo Coelho quis dizer? Sem ser preconceituoso, isso é tudo, não é? Eu acho muito legal o Paulo Coelho, não gosto da literatura dele, mas acho tão legal o cara se notabilizar pela literatura. É bom demais, o cara está fazendo bem, está fazendo mal para ninguém. Eu acho que o pessoal é muito implacável com ele, embora eu também não goste muito dessas coisas dele. Mas o que me colocou nisso foi essa curiosidade que era impossível alcançá-la só com as minhas dúvidas. Eu tinha que filosofar, eu tinha que pensar. Eu

tinha que ser, mas eu só descobri isso mais tarde. Mas eu tinha que ser. A faculdade de medicina, a universidade lá em Paris, chama
2 Université René Descartes. Legal, não é? Você pensar. Então, assim, é o que mais me provoca. Não posso negar também, que me provoca muita angústia, porque você está pegando uns dias difíceis. Então, assim, pensar, se você tem um tiquinho de coragem, um tiquinho, você não para, entendeu? Mas é uma coisa muito solitária, muito assim... não é? Não é demais. Não é demais. Por exemplo, eu estou te contando uma coisa, assim... eu li uma entrevista do Chico Buarque de Holanda de 2015, que ele falou um negócio, assim, que... eu estava vivendo. Não em 2015, mas recentemente. Que quando ele saiu do país, de brigar, política, não era a minha praia, não, entendeu? Eu só queria escrever troço, falar coisas, os caras não deixavam. Eu tinha que ficar trocando letra, eu gostava daquela palavra, tinha que botar outra, entendeu? Aí foi embora. Foi embora. Na verdade, a coisa não era bem assim, porque ele era filho do Sérgio Buarque de Holanda. Mas, ele falando isso. Aí, acabou a ditadura, vim para cá, voltei e perguntei para mim mesmo, e agora? O que eu vou fazer comigo mesmo? Ele já era o Chico Buarque de Holanda. Ele não precisava de mais nada, ele já era. Mas, para ele, ele não era ninguém. É o que você perguntou lá no início, do é, do ser. Para ele, ele não era ninguém. Esse abismo, esse lugar do abismo, que você se pergunta, o que você é? Talvez seja a maior aventura humana, entendeu? Talvez seja a maior aventura humana ser sozinho e perguntar, e agora? Entendeu? Eu estou no processo de vida, assim… eu falei isso várias vezes, que está me incomodando, mas de uma certa altura da vida, eu posso fazer certas coisas sozinho. Sem nenhuma amarra. E agora? Vou fazer o quê? É uma pergunta extremamente, assim, angustiante, porque você não sabe se tem os elementos para ser o que é. Por isso a palavra abismo é muito interessante, entendeu? É incômodo. E é isso que nós evitamos, esse incômodo. Tem um livro muito legal no Mal estar na civilização, você já leu, do Freud?

9:36 Por exemplo, eu estou te contando uma cois...

EXEMPLOS D...EMA: C

9:45 E a...

O profissional...riment

9:9 Por i...

O profissional...ar

[00:37:32] ENTREVISTADOR Alguns textos.

[00:37:34] PARTICIPANTE 12 Eu vou te mandar em pdf, vai anotando, aí me cobra, porque senão eu esqueço pouco. De compreender o mundo humano. O Freud, no Mal estar na Civilização, ele fala desse ser humano contemporâneo que trocou, que nós podíamos ter total liberdade sexual, total liberdade violenta, mas é impossível você viver assim na cultura, na sociedade, na civilização. Então nós tivemos que abrir mão de um quinhão de liberdade enorme, total liberdade, a liberdade que os grupos identitários estão achando que tem, eu acho que eles não têm. Eles estão na marola aqui, mas eu acho que isso é um processo ainda, tomara que esteja errado... e total liberdade violenta, eu não posso ter. Então essa troca de

liberdade por segurança nos trouxe um grande mal estar. E é tentar conviver com esse mal estar e saber na nossa limitação, porque nós
2 não podemos viver com total liberdade violenta. Talvez o Putin, mas ele vai pagar um preço também, entendeu? Parece que está pagando, da solidão talvez. Mas é a grande aventura humana mesmo, é o que eu sou mesmo, o que eu vou fazer agora? Agora, ah, não tem casa, não tem dinheiro, não tem carro, não tem isso e aquilo, não tem roupa. Então tá, te dou isso tudo aqui agora, você vai fazer o quê? Então assim, essa pergunta para o aluno do que você é mesmo, quando você pergunta sobre medicina, são perguntas muito... respostas muito ensaiadas. "Ah, eu vou ser bonzinho, eu vou ajudar os outros". Não, isso aí é ser humano, não tem que ajudar os outros, nós temos que nos ajudar, senão nós não vamos sair desse atoleiro. Mas aí, o que você vai fazer mesmo com o cara na sua frente? Vai pedir um eletro para ficar livre dele? Vai dar um antibiótico para ficar livre dele? Ou vai realmente, assim, o que o Dário Bittencourt falava, exercitar a alteridade? O que, na verdade, é o livro Ulysses, você entrar na cabeça do cara, é fantástico. Para mim, hoje é a coisa mais assim… mas como técnico, eu não posso deixar também de medicar, de fazer ultrassom. Entendeu? É isso. Como ensinar isso, não sei não.

9:37 Mas é... EXEMPLOS D...EMA: C

9:11 Então a... [EXCLUÍDO] T...da

9:12 Mas aí, o q... Quebra de ex...ue de r

[00:40:35] ENTREVISTADOR Das coisas que você estava me falando aqui sobre... eu acho muito interessante essa ideia do abismo, e outros filósofos vão trazer com outros termos, talvez... e a gente pode falar talvez do caos, e de outras formas de se referir a essa coisa amorfa, enorme e incompreensível e incontrolável… e às vezes intransponível ou sufocante, de alguma maneira. Essa grandiosidade daquilo que a gente não consegue controlar de forma alguma e que não consegue vencer. A existência disso, esse abismo, será que, pelo menos, apresentar ou tentar colocar o aluno diante do abismo, mostrar que existe um abismo ali, será que ele consegue ainda, por mais que ele tenha a tendência de evitar a confrontação com esse abismo, mas você coloca diante do abismo e: tem um abismo aqui! É possível fugir dele, ou isso como uma atitude educativa já teria algum efeito? Apresentar a incerteza. É possível, será fugir dessa incerteza? Ou demonstrá-la como existente já seria uma forma de educar também?

[00:42:12] PARTICIPANTE 12 Já, claro. Ao se confrontar com o abismo, ele não achar aquilo algo inesperado. É assim. E ali que é arte. O resto é técnica. Tudo é bom também, técnica. Por exemplo, se eu precisar fazer um cateterismo, vou procurar alguém que saiba, que não vai filosofar comigo. Tem que entrar lá, saber entrar e saber dilatar e eu ficar bem. Então, não é uma obrigatoriedade. Mas, até nisso, eu talvez, um cara que tem uma... ao tomar a decisão, se eu ponho ele no tronco ou não ponho, entendeu? Esse cara que eu vou botar esse *stent* no tronco, eu já vi umas situações assim. Ele se sentir seguro

9:13... [EXCLUIDO] E...ítico/c

... Relevância do...ências

nesse abismo, porque é o que ele tem que fazer. Ele existe. Eu acho a medicina baseada em evidência, é ótimo, mas não tem evidência. Mas ela é pobre em certo aspecto, que limita o raciocínio àquilo que é evidente. Entendeu? Não, ela é muito mais. É uma boa ferramenta, sem dúvida. Eu falei isso outro dia com um cara que era apaixonado, quase me bateu, quase me chamou de ignorante. Acho que ele chamou educadamente, sim, mas chamou. Ele não entendeu. Nem sei se vai entender. Mas, assim, os meus alunos entenderam. Foi interessante. Os alunos entenderam que você estar ali nesse abismo é onde você se acolhe. É ali que há arte. Lógico que você não vai procurar um abismo como suicida para terminar a história. Não. Você vai para conhecer a história. Vai para terminar. Então, assim, eu acho que dizer isso para os alunos, que é assim, e você tem ferramentas para te proteger, mas o mundo é diverso. O paciente te coloca em situações difíceis com muita facilidade. Te coloca o seu desconhecimento, o seu abismo, a sua impropriedade com as coisas, toda hora, todo dia. Mas é assim, entendeu? Para a pessoa não se surpreender quando a coisa acontecer ao contrário. Quando um cara, por exemplo, falar alguma coisa que te agrida, ou te incomode. Eu falo isso quando você olhar uma paciente, uma mulher muito bonita, e ter desejo por ela, por exemplo. É um crime você passar ao ato. Mas você pensar, não. Você pode se surpreender. Já vi aluno pirar a cabeça e se surpreender com essa sensação. Não, ela existe, é humana. Você não pode passar ao ato, porque sua função ali é outra, não é? Mas tem alguns que piram a cabeça com o paciente com câncer, que ele quer abraçar, que ele quer beijar, levar para casa. Não, você tem que ajudá-lo. Essa parte da medicina é muito legal. Mas eu acho que realmente, por exemplo, a reforma curricular da XXXX, há anos atrás, e agora vai ser pior, porque ela foi dominada por essas duas linhas de pensamento. Uma muito técnica, que abominava a visão social, e a social, que abominava a técnica. Não, você precisa das duas. Tem que ter as duas. É difícil, não é? Tem que ter as duas. Então, você vê o pessoal muito técnico, querendo fazer um currículo no qual, se eu for mostrar que nós somos bons, você vai sair um bom médico. Não, você tem que saber a técnica, tem que saber palpar, percutir, não é? Saber o ultrassom, se você for mexer com o ultrassom e tal. Estou muito ligado ao ultrassom, porque estou gostando do *Butterfly iQ*. Dizer para o aluno que esse espaço existe, dele não se surpreender quando estiver diante dele, que alguns o chamam de arte, já seria um grande avanço para ele não evitar todas as vezes.

[00:46:46] ENTREVISTADOR E você vê alguma forma de colocar o aluno diante do abismo, ou demonstrar isso de alguma maneira? Isso se dá na prática, ou é possível usar... Você já falou da literatura, também. Como? Tem alguma forma, alguma ideia? Algo que você já tenha usado na prática que facilitou essa aproximação entre essa falsa

9:38 Eu acho a medicin... Tecnocentrismo acrí

9:14... Quebra de ex...ue de

9:49 En... Relevância do...ências

9:15 O paci... Quebra de ex...ue

9:16 Um... [EXCLUIDO] E...ítico/c

9:17 Ent... Tecnocentrismo a

segurança e, enfim, ser apresentado à incerteza e ao abismo? Como a gente pode fazer essa aproximação do aluno?

2

[00:47:33] PARTICIPANTE 12 te contar dois casos que me surgiram aqui. Um de um goiano, bem goiano mesmo, que toda vez quando o paciente chorava, ele pegava... ele estava sempre sentado do lado de uma coisa de papel. Ele pegava assim, enquanto eu pedia para ele, pegava o papel e colocava acima da mesa, desse jeito [amassou o papel e colocou sobre a mesa com rispidez]. Eu ia lá, dobrava e entregava para ele. Ele foi o curso inteiro. Toda vez, o pessoal até combinava de chorar e pegava, hein, goiano? Até a última aula que ele pegou, dobrou e até curvou e entregou para elas. O pessoal bateu palma. Ele aprendeu. Ele aprendeu a importar. Isso foi só com o exemplo e a insistência. Uma outra coisa foi uma residente paulista, bem paulista mesmo, de medicina intensiva. Eu cheguei no CTI, cheguei de férias e tinha um paciente intubado. Vou te contar só o resumo. Ela me contando. Está intubado, está ictérico, fazendo diálise. Certamente é leptospirose, os exames não estão prontos ainda, mas ele tem tudo de leptospirose. Aí eu fui examiná-lo. Ela falou assim "não, isso aí já está estabelecido, vamos por coisas que... isso aí já está definido". “Eu sou pago”. Eu era o coordenador clínico. Ela, muito paulista, muito arrogante. "Já está definido". "Eu sou pago aqui para duvidar. Vocês são ótimos, saíram da residência agora, são muito melhores do que eu em entender os *guidelines*, protocolos. Mas eu sou pago para duvidar de vocês. Então, deixa eu examinar". Quando eu fui examinar, eu fui ver se estava corado. Tinha uns pontos hemorrágicos lá. Eu fui ver a percussão dele, tinha uns dedinhos cheios de pontinho vermelho. Eu falei assim, "não é nódulo de Osler, não? Isso acontece na endocardite". Mas eu fui falando assim... ela falou assim, "não tem sopro não". Eu olhei, tinha sopro mesmo não. Daí eu pedi um eco. Ela falou, "não, fazer o eco não". Eu falei, "eu estou com esse dúvida, você vai fazer para mim". Cara, faz o eco no dia seguinte, já estava com sopro. Chamava XXXX esse paciente. Demoramos dez dias para transferir de um CTI do interior aqui na região metropolitana, para o XXXX, e operar. Ele perfurou a valva. No dia do casamento dela, foi muito legal. A gente teve vários atritos. Teve uma situação lá, que eu me lembro, eu era um paciente séptico com abdome aberto, ninguém queria... SUS, ninguém queria fazer nada... eu não sabia muito do ultrassom, botei o ultrassom lá. Tinha uma bola lá no lugar do braço, uma coisa que deve ser um abscesso. Ela falou assim, "mas isso tem que ser mandado lá para o XXXX fazer. Não tem nem que ter saído daqui, a família não pode pagar nem o ultrassom". Aí eu botei lá, botei a agulha cheia de pus, tirou lá. Eu não lembro o que ela falou, ela estava muito irritada. Falei assim "vou ouvir toda a opinião sua, mas quem manda aqui sou eu". Eu falei irritado. Quando fui no casamento dela, me chamou anos depois, chamou no

9:4... Profissionais inspirad

9:18... Profissionais inspirad

9:19 Aí... Tecnocentrismo acríti

9:20... O profissional...ent

casamento dela e falou assim, "pô, cara, você foi o melhor chefe que eu tive. Eu custei a te entender". Quer dizer, é demorado. É mais fácil você dizer que a *American Heart Association* acha 132 é hipertensão. Aí você dá dois remédios para o cara, vai abaixar e não vai caminhar de jeito nenhum. Resolveu tecnicamente. Ele é um sujeito moderno, por mais pobre que seja. Então é muito da sua experiência para o outro. E resolveu nesses casos, mas eu não sei... se o pessoal... peripatética, como era lá do Sócrates... andar, discutir como fazer [incompreensível]. Agora, eu considero que isso é um processo, se eu não digo em extinção, assim, empobrecido. Eu não tenho o que fazer. Eu lembro da minha mãe, quando o irmão estava preso, na ditadura... aí ela reunia seis mulheres na casa dela, XXXX, seis senhoras, para mim eram velhas, deviam ter 50 anos de idade, eram velhas. Aí reunia, bolinho e tal, foi aquela choradeira, contando o que aconteceu com os filhos, como estavam sofrendo. Quando elas iam embora, minha mãe falava assim, acho que eu respondo isso para você. Ela falou assim "olha, o que pode seis mulheres contra os militares?. Nada. Não podemos nada contra eles, mas tem que fazer", entendeu? Talvez possamos mudar muito pouca coisa, mas não tem o que fazer. Não temos outra saída, entendeu? Se você for pensar isso de forma utilitária, é melhor você não fazer isso não, entendeu? Mas se você pensar enquanto sujeito para ser o que você é, eu acho que você tem que fazer.

9:21 É mais fáci... Tecnocentrismo acríti

9:41... O profissional...e s

9:22... Superficialidade da di

9:4... Dificuldade/im...ducar

9:23 Ma... Relevância do...ências

[00:53:56] ENTREVISTADOR Muito bom. Eu estava revendo a ideia de se tentar ensinar a filosofia. Isso é uma coisa que se tenta ensinar desde que existe a filosofia. Sócrates foi um professor, de certa maneira, mas foi professor para aqueles que estavam inclinados a segui-lo. Provavelmente, dependia ali muito mais da inclinação pessoal ali... dentro da Atenas da época, do que da capacidade dele de angariar alunos, que talvez fosse mais uma coisa dos sofistas.

[00:54:40] PARTICIPANTE 12 Paideia, que chamavam, paideia era fazer. Podia ser uma... era a arte de fazer um objeto madeira, uma lança, filosofar, medicar. Tudo era uma paideia, era uma coisa só, todo mundo queria isso. Então, você está certíssimo, havia uma inclinação para ser isso. É muito difícil num mundo instrumentalizado como o nosso, que você tem que sobreviver. Você... parece uma coisa meio boba, mas daí que mostra a importância dela, porque o mundo acabou.

9:42 ha... O aluno afeta...ição/m

[00:55:26] ENTREVISTADOR Ao longo da história toda... tinha um texto do Montaigne, um ensaísta francês, e ele já propunha a ideia de... por que não ensinar filosofia para as crianças também, sendo a filosofia uma ferramenta. E passando para frente, eu estava estudando mais recente um livro do Gilles Deleuze sobre a definição de filosofia,

o que é filosofia afinal. E depois uma discussão, um comentário sobre esse livro de um educador brasileiro que se chama Silvio Gallo, sobre a ideia de filosofia como formulação de conceitos sobre as coisas, e talvez do ensino da filosofia como uma oficina para formar conceitos. E aí que está a minha esperança. Eu não acredito ser possível também transformar as pessoas em filósofos. Até é difícil definir algo como quem é um filósofo. Acho que essa definição acaba sendo a posterior, e depois as pessoas vão reconhecer quem foram os filósofos. Mas é até difícil de se colocar como filósofo, e talvez impossível de transformar alguém em filósofo. Mas a esperança que eu tenho é de conseguir pelo menos trazer a percepção das inconsistências, da incerteza, dessa percepção do abismo, como você falou tão bem aqui. Eu acho que isso talvez seja uma contribuição possível, ainda que pequena, mas acho melhor pelo menos reconhecer a existência de um abismo do que caminhar cegamente, nem dando conta da existência dele.

[00:57:31] PARTICIPANTE 12 É, achar que tudo tem… tem um artigo da... estou tentando achar aqui, saiu no *JAMA*, em 2016. Qual seria a grande revolução futura da medicina? Me cobre isso, eu vou procurar, não sei onde que tá. Fala que a grande revolução da medicina no futuro seria lidar com a incerteza. Muito legal. Isso é filosófico. Nós tomamos uma pletora de certezas numa prática completamente incerta. A medicina é muito incerta.

9:24... [EXCLUIDO] E...ítico/c

[00:58:31] ENTREVISTADOR Eu estava lendo outro dia um artigo sobre... não sei porquê, a gente tem ciclos de formas de pensar... o positivismo, essa coisa veio com muita força e a medicina baseada em evidência acho que é um reflexo dessa forma positivista de ver o mundo, a ciência e tudo. Mas começaram a aparecer mais textos bem recentes de questionamento sobre os limites da evidência, os limites lógicos mesmo. Eu vi um texto muito interessante que questionava duas concepções possíveis do conhecimento. Uma de fundar o conhecimento numa base sólida, seriam princípios fundacionistas. Você encontra aquilo que é inquestionável e vai construindo o restante em cima disso. E a outra é que não tem nada que seja inquestionável. É mais uma rede de pontos que tentam se suportar mutuamente, mas nenhum deles é absoluto e eventualmente vários pontos dessa rede vão ser cortados ao longo do tempo porque as coisas mudam, sem haver uma fundação para o conhecimento sólida em algum ponto ou algo que seja imodificável. E eu achei isso muito interessante porque a medicina baseada em evidência acaba procurando isso, pontos de solidez como se fossem pedras que não vão mudar.

[00:59:59] PARTICIPANTE 12 É, claro. Vão mudar. E, às vezes, é muito perigoso. Por exemplo, eu estava comentando hoje com o filho

de um paciente que faz medicina, que o *Up-to-date* diz que o raio-x mais comum na embolia pulmonar é o raio-x normal... não, que só 16% do raio-x na embolia é normal. Errado! O raio-x mais comum na embolia é o raio-x normal. Você não vê nele a resposta para aquele sintoma que a pessoa está tendo. Aí você vai ver lá a evidência. Aí você vai ver lá, está lá assim. É um artigo de 1991. Você tem o *Up-to-date*?

[01:00:47] ENTREVISTADOR Tenho, tenho.

[01:00:47] PARTICIPANTE 12 Então, você entra lá, acho que 16%, só uma coisa assim, é normal, o resto tudo é alterado. Mas quem chegou a essa conclusão? Foram cinco radiologistas que foram apresentados a raio-x de tórax de pessoas comprovadamente com embolia pulmonar. Quer dizer, começou tudo [incompreensível]. E eles, com o olhar deles de radiologistas, chegaram lá e falaram assim, olha, aqui tem elevação da hemicúpula, aqui tem artéria pulmonar, está mais com 1,5 centímetro, tem oligemia e tal. Porra! Entendeu? Eles não estão lá no fronte. Eles sabem que é embolia. Quem está no fronte não é radiologista e não sabe que é embolia. Entendeu? Então, o fato dele não ver a resposta para a dor ou para a falta de ar ali naquele raio-x, e já que aqueles que vão morrer metade morrem na primeira hora, esse dado atrapalha! Atrapalha terrivelmente, porque ele vai demorar mais de uma hora para dar a primeira dose [corte no áudio] e a mortalidade cai de 48 para 6%. Então, assim, ser baseado em evidência é muito boa quando há evidência. Por exemplo, se chegar um caso aqui de oncologia, eu talvez tenha que recorrer ao *Up-to-date* para tomar uma decisão imediata, porque eu não tenho experiência. Mas, para as coisas que eu tenho experiência, você bate o olho assim.

9:43 Então, você entra lá, acho que 16%, só uma coisa as...

EXEMPLOS D...: Episte

[01:02:32] ENTREVISTADOR Eu estava lembrando que você tinha falado de ciência acima de tudo, no lugar de Deus acima de tudo, só que a ciência só cortou a palavra Deus e colocou ciência no lugar.

[01:02:44] PARTICIPANTE 12 É outra religião. Tem um livro meu, vou te mandar um livro meu. Você me dá o seu endereço, eu mando, eu deixo na escola. Mas eu estou reescrevendo ele, porque ele ainda tem muito vício da metodologia. Eu queria tirar isso tudo. Chama Renúncia à Arte. Ele escreve um termo, eu não sabia que era um termo novo, mas foi por vontade minha que surgiu. Esse teocientificismo, essa relação religiosa com a ciência. A ciência está sempre em progressão, pode ser também. E hoje está assim. Saiu tal revista, mas eu vou ler e eu vou criticar.

Tecnocentrismo acríti

[01:03:34] ENTREVISTADOR Cientificamente comprovado, e

acabou

[01:03:38] PARTICIPANTE 12 Isso hoje, amanhã não sei.